

A ASSUNÇÃO DO PAPEL SOCIAL EM MACHADO DE ASSIS: UMA LEITURA DO MEMORIAL DE AIRES *

Cilene Margarete PEREIRA

RESUMO *Esta dissertação busca estudar o tema do papel social e de sua importância na composição das personagens e, principalmente, dos narradores na prosa ficcional de Machado de Assis, tendo como principal objeto seu último romance: Memorial de Aires. A partir do conto “O espelho” – em que temos a personagem Jacobina teorizando sobre a existência de duas almas (a interior e a exterior) e do entendimento da alma exterior como a natureza social do indivíduo – partimos para a análise do Memorial de Aires, observando a incorporação que o Conselheiro Aires faz de seu papel social de diplomata, criando uma narrativa diplomática que apresenta conseqüências na configuração das demais personagens – as quais também requerem estudos, pois atuam na narrativa conforme seus papéis assim exigem.*

ABSTRACT *This dissertation aims at studying the theme of the social role in the composition of the characters, and mainly, the composition of the narrators in Machado de Assis’s fictional prose, considering as the principal object of this study his very last novel: Memorial de Aires. Taking the tale “O espelho” as the starting point - in which we have the character Jacobina theorising about the existence of two different souls (the internal one and the external one) and understanding the external soul as the social nature of the individual - we go through the analysis of Memorial de Aires, observing the process of incorporation Conselheiro Aires makes of his social role as a diplomat, creating a diplomatic narrative style which brings consequences in the configuration of the rest of the characters in this literary work, characters who also require further investigation, once they take part in the narrative according their role demands from them.*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 24 de março de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel.

Memorial de Aires (1908) é talvez o mais fascinante e menos estudado texto de Machado de Assis. Um livro recebido de forma acolhedora pelos primeiros críticos, sem que fossem evidenciados, no entanto, seus melhores aspectos. Visto com certa descrença ao longo dos anos pela crítica especializada, justamente por não perceber ou ressaltar os elementos mais característicos da literatura machadiana, *Memorial de Aires* foi assolado por comentários como “um verdadeiro retrocesso na obra machadiana” (PACHECO, s/d: 62), “hino de paz e otimismo”, “apologia da senectude” (MOISÉS, 1983: 114) ou conclusões como as de Afrânio Coutinho ao observar “... que nem tudo é maldade, dissimulação e egoísmo nos homens...” (1990: 227). Opiniões como estas fundamentaram as leituras mais correntes do *Memorial*, criando uma certa imobilidade crítica em relação ao último romance de Machado e que se distanciam muito, a nosso ver, do texto escrito pelo autor fluminense. John Gledson (1986: 216) afirma que o fato do *Memorial de Aires* ter sido negligenciado pela crítica “(...) se deve, em parte, à questão da legibilidade, porque é difícil fingir que seja tão emocionante ou divertido como (...) *Brás Cubas*, *Quincas Borba* ou *Dom Casmurro*.”

Pouco se acrescentou ao estudo do último livro de Machado de Assis, até que por volta dos anos 70, do século XX, surgem ensaios que começam a direcionar a crítica para os verdadeiros temas do *Memorial*. José Paulo Paes é um dos primeiros com seu “Aprendiz de morto”, texto que ressaltava as relações intertextuais e evidenciava uma série de oposições presentes no romance. Dessa forma, o crítico entedia o *Memorial* como um romance que dava continuidade ao caminho aberto por *Memórias póstumas de Brás Cubas* em 1881, observando que o narrador do último romance de Machado

... em vez de aliciar o leitor com a maestria ostensiva de sua fatura, diverte-se em confundir-lo com o descolorido de sua maestria oculta. A ocultação é, aliás, um pendor de espírito que calha à personagem do autor do livro, cujos trinta e tantos anos de carreira diplomática deixaram-lhe na alma o ‘calo do ofício’. (PAES, 1985: 14/5).

Vieram então as leituras de Alfredo Bosi com seu “Uma figura machadiana”, recentemente reeditado em *O enigma do olhar* (1999), ensaio que preconizava o discurso atenuador do conselheiro, ressaltando as marcas estilísticas deste e, finalmente, a interpretação atenta e desmistificadora que John Gledson dava à obra em seu *Machado de Assis: ficção e história*.¹

Para vislumbrar melhor nosso objeto (a análise dos papéis sociais em *Memorial de Aires*), empreendemos um diálogo entre as obras do autor, a fim de elucidar a persistência de alguns temas frequentes em Machado, entre os quais o papel social e suas diversas configurações. Esse diálogo fez emergir alguns contos de grande

¹ Esses três ensaios são capitais à interpretação que propomos ao *Memorial de Aires*, especialmente no que diz respeito à similaridade deste romance aos consagrados *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. Não é gratuito o fato de que em nossa dissertação ambos os romances constituem parte importante de nossos argumentos, perfazendo dois capítulos introdutórios à análise do *Memorial de Aires*.

significação na obra machadiana como “O espelho”, presente na coletânea *Papéis Avulsos* (1882), em que temos a personagem Jacobina teorizando sobre a existência de duas almas (a interior e a exterior), entendendo esta última como a natureza social do indivíduo ou a representação do seu papel social. A partir desse diálogo, aportamos àquele texto que é considerado de forma unânime pela crítica como a obra prima da literatura brasileira e da de Machado, *Dom Casmurro*. Nesse romance, temos Bento Santiago compondo, com seus principais papéis sociais (advogado e ex-seminarista), uma narrativa jurídica e moralista com fins um tanto quanto escusos. Dessa forma, nossa dissertação traça um percurso consciente, identificando em capítulos precedentes à análise do *Memorial de Aires*, a importância e o tratamento do tema dos papéis sociais na obra de Machado de Assis, absorvendo para isso a própria teorização que o autor faz a esse respeito.

No capítulo inicial “Usos e abusos da máscara: o desmascaramento machadiano” demonstramos, de forma sucinta, a metáfora da máscara na ficção de Machado de Assis, através da estratégia do desmascaramento em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A mudança narrativa introduzida por Brás Cubas e sua intenção (pseudo) desmascaradora é associada a Aires, mostrando-o, acreditamos, pertencente a essa tradicional linhagem de narradores (des) comprometidos com a verdade.

No capítulo dois, “‘O espelho’: a teoria da assunção do papel social, segundo Machado de Assis”, apresentamos uma breve análise deste conto, observando a importância dos papéis sociais na construção das personagens machadianas a partir da teoria de Jacobina sobre a natureza social da alma. Dessa maneira, fica evidente que apesar de Machado não tecer comentários maiores sobre sua obra que os expressos em suas “advertências” (ou falsos prefácios; depende do ângulo pelo qual os analisamos), é em seus textos ficcionais que podemos propriamente obter informações mais seguras e sérias sobre sua técnica de composição, especialmente em relação às inovações que fazia na história da narrativa do século XIX brasileiro.

Nosso terceiro capítulo, “A incorporação do papel social na tessitura da narrativa: o caso de Bento Santiago”, propõe buscar na tradição crítica machadiana os aspectos que ressaltam as características de advogado e ex-seminarista na narração de Bento. Esse capítulo é vital à proposta de nossa dissertação, pois visa especificar e demonstrar o uso que Bento Santiago faz de seus mais importantes papéis sociais para a construção do narrador.

Nesse sentido, observamos que a configuração do papel social aliado à função narrativa é muito importante na obra machadiana. Isso fica claro ao nos reportarmos aos seus principais narradores Brás, Bento e Aires, todos experientes na arte advocatícia da argumentação e da persuasão. No caso de Aires essa opção pelo Direito se estende à diplomacia, pautada, segundo nos assegura a personagem, na terrível vocação e articulação de dois verbos parentes: encobrir e descobrir. O papel de diplomata exercido pelo conselheiro pede constantemente a utilização do encobrimento, já que sua função

social é, antes de tudo, decorativa. Decorativa e inventiva, como assinala Pinheiro Passos:

Ficcinar o Brasil real é (...) um das formas de representá-lo. Vale dizer: o diplomata, ao mentir, falseia o país, mas o representa, ou seja; cria a partir do modelo real, um outro, que deveria ser o verdadeiro, aos olhos do público nacional e estrangeiro. (1996: 129, grifos nossos).

O papel social de diplomata requer, então, a aprendizagem das aparências, o que significa mentir em prol de uma verdade inventada, melhor e mais conveniente. Representar o país, função do diplomata, leva obrigatoriamente a aprender a mentir sobre ele, muitas vezes encobrendo sua brutal realidade. Essa obrigatoriedade da mentira na carreira diplomática de Aires é ressaltada, no mínimo, duas vezes em *Esau e Jacó*; sendo em ambas atribuído um nota humorística ao papel do velho conselheiro. É preciso lembrar que em *Esau e Jacó* a carreira diplomática de Aires é mais mencionada, ainda que seja em seu *Memorial* que toda sua dissimulada arte diplomática esteja melhor visualizada:

A febre amarela, por exemplo, à força de a desmentir lá fora, perdeu-lhe a fé, e cá dentro, quando via publicados alguns casos, estava já corrompido por aquele credo que atribui todas as moléstias a uma variedade de nomes. Talvez porque era homem sadio. (OC, I, 987).
Inventara tanta cousa no serviço diplomático, que talvez inventasse o monólogo do burro. (OC, I, 998).

Os trechos destacados mostram o ex-diplomata Aires assumindo, em tom debochado, os atributos de sua profissão: no primeiro caso, fica óbvia a sensação de que ao compor uma outra realidade para o Brasil (a inexistência da febre amarela) esta acaba por se constituir como verdade, não só a quem ouve a versão diplomática de Aires, mas a ele próprio, que persegue a nova realidade criada, ainda que a saiba falsa. A invenção diplomática é tamanha que dá ao narrador a possibilidade de brincar com ela, relativizando-a, ou melhor, atenuando-a de sua imagem nociva. A invenção aqui perde a negatividade da mentira, justamente por ser uma das principais atividades da diplomacia, senão sua própria essência.

Se “mentir” é a tarefa maior do diplomata, outra não será a do narrador Aires em seu *Memorial*, valendo-se estrategicamente de uma série de expedientes que apresenta outra versão dos fatos. Nesse sentido, a idéia de John Gledson (1986) de que Aires é o último dos narradores machadianos a ser desmascarado é também o pressuposto de nossa dissertação: o papel social de diplomata é a máscara consciente que o narrador de *Memorial de Aires* veste para encobrir as negativas do dia-a-dia brasileiro – representado por um convívio aparentemente harmônico entre famílias e amigos –, além de suas próprias negativas, (como a de ter sido um péssimo marido) para mascarar a verdadeira realidade. Dessa forma, devemos pensar no exercício de seu papel social como algo a ser considerado na leitura do romance, já que é um expressivo índice que permite o desmascaramento do narrador e das personagens que ele nos apresenta.

O papel social de diplomata – cristalização de sua função social – é fruto de uma escolha consciente feita por Aires, ainda que considerando algumas características naturais, segundo afirma o conselheiro:

Contava minha mãe que eu raro chorava por mana; apenas fazia uma cara feia e implorativa. Na escola não briguei com ninguém, ouvia o mestre, ouvia os companheiros, e *se alguma vez estes eram extremados e discutiam, eu fazia da minha alma um compasso, que abria as pontas ao dois extremos*. Eles acabavam esmurrando-se e amando-me. (OC, I, 1151, grifos nossos).

Nessa perspectiva, ao escolher sua profissão Aires direciona seu papel social, sua principal forma de atuação na sociedade. A escolha de ser diplomata não é imposta ao conselheiro; pelo contrário, ele se identifica com a profissão e a escolhe depois de cursar direito em São Paulo e optar por não advogar (como Osório) ou ser desembargador (como Campos). O papel de diplomata adere perfeitamente, conforme faz crer o conselheiro, à sua personalidade atenuadora. Fruto de uma escolha, como serão também a de não ser pai e marido², a diplomacia exerce, enfim, papel decisivo não só na vida de Aires, mas na forma como ele percebe as demais personagens e as apresenta em seu *Memorial*.

Uma das formas de Aires desmascarar as personagens que acompanha é desviar a narrativa para a fala de outro, dando voz aos maledicentes por natureza. Assim, apesar da tentativa de atenuação, o conselheiro acaba por ressaltar certas características negativas através de opiniões de personagens como Dona Cesária e Rita, as quais funcionam no romance como uma espécie de *alterego* do narrador, dizendo ou ressaltando aquilo que ele pensa, mas que não ousa revelar aos demais, principalmente porque não se adequaria à imagem de homem de sociedade e, ainda mais, diplomata.

Nesse sentido, é possível traçar um paralelo interessante entre Aires e Bento: os dois reservam a outrem o papel de dizer aquilo que deve ser conhecido, mas não revelado por eles. Uma das atitudes de Bento Santiago é dar voz à calúnia dos outros, isentando-se da responsabilidade do que é dito. Assim é que surge a primeira acusação contra Capitu feita por José Dias ao caracterizá-la, ainda menina, de falsa e calculista, a partir da famosa metáfora dos “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. O mesmo ocorrerá com o conselheiro que deixará o papel desconfortável do exercício da maledicência a Dona Cesária. A caracterização negativa de Tristão é feita principalmente por ela:

... D. Cesária disse todo o mal que pensa do rapaz, e não é pouco. (OC, I, 1170).

² Em nossa dissertação mostramos como Aires opta por não exercer efetivamente o papel de marido, inclusive distanciando-se fisicamente do corpo da esposa morta, enterrado em Viena. Entretanto, a postura do conselheiro em relação à paternidade é ambígua, chegando a ser hipócrita em muitos momentos, pois ele diz que não necessita de filhos (“... o casal Aguiar morre por filhos, eu nunca pensei neles, nem lhes sinto falta, apesar de só”), mas parece se condoer com a falta deles: ele se imagina pai dos gêmeos (OC, I, 999) e de Flora (OC, I, 1015) em *Esau e Jacó*; se isola quando percebe a relação pai/filhos no *Memorial* e acaba sendo o “pai” (padrinho) de Tristão.

É interessante como Aires joga com as negativas de Tristão, através da personagem maledicente sem, no entanto, elucidá-las. Pautando o texto em uma atenuadora entrega, Aires diz e não diz sobre Tristão, mas insinua no leitor idéias que não podem mais se apagar e que repercutirão na composição do afilhado de Carmo.

É Dona Cesária – com a ajuda interpretativa do marido – a única personagem no romance a levantar a questão de um possível interesse financeiro do “filho postiço” de Carmo na herança de Fidélia. Dessa forma, é para anular esse índice que Tristão sugere à viúva Noronha a doação da fazenda Santa-Pia aos escravos libertos. Até que ponto não seria a idéia da doação um ato esvaziado de valor, já que a fazenda estaria se arruinando com o abandono do trabalho por parte dos libertos? Melhor seria doá-la e calar a boca dos maledicentes – um ato que se apresenta como generoso é nada mais que oportuno. Vemos que ao se introduzir dúvidas sobre as reais motivações no casamento de Fidélia e Tristão deixa-se a sensação de interesse. Conforme observa Gledson (1986: 224), “... se eles (e, em particular, Tristão) estão tão preocupados em não parecer mercenários, será que isso não sugere que têm algo com que se preocupar?”.

A função de Rita no enredo do *Memorial de Aires* é de extrema importância, destacando-se em diversos sentidos: a viúva, irmã do conselheiro, serve de comparação às atitudes da viuvez, especialmente à encenada por Fidélia; ressalta aspectos negativos de Tristão; suprime lacunas das histórias das personagens e media as impressões iniciais do velho diplomata. Parte das biografias das personagens, principalmente a de Fidélia, são referidas ao conselheiro por Rita, ajudando-o melhor a configurá-las em sua narração. A esse respeito é preciso atentar que a história do primeiro casamento de Fidélia aludido por Rita dá um sabor especial à trama, já que ela é contada como espécie de resumo da opinião (argumento) de Rita de que Fidélia não se casará novamente: “Agora diga se ela é viúva que se case” (OC, I, 1113). Acima de tudo, esse procedimento de informar sobre os outros é um dos elementos que garantem a verossimilhança do *Memorial de Aires*. Se o narrador passou trinta anos fora do país como poderia ter acesso a toda a história anterior das personagens que observa? Seria inverossímil, sendo também função de Rita apresentá-lo a elas.

Para contrabalançar ainda mais sua narrativa, Aires se utilizará dos “papéis paternos” de Carmo e Aguiar para sustentar aspectos positivos do ambíguo e suspeito casal Fidélia e Tristão, alvos certos da cruel Cesária e de seu marido. O papel de “mãe” devotada e gentil dá a Carmo a condição exata para atenuar (e justificar) as atitudes displicentes do afilhado Tristão numa seqüência exemplar:

Não disse que se fez mãe; esta senhora não conhece a língua do próprio louvor, mas eu já sabia, e percebia-se do carinho da narração que devia ser assim mesmo. Rita arriscou esta reflexão rindo:

- As crianças não sabem o cuidado que dão, e esquecem depressa o que sabem.

- É preciso desculpar a Tristão o que é próprio de rapaz, acudiu D. Carmo. *Ele não é mau; esqueceu-se um pouco de nós, mas a idade e a novidade dos espetáculos explicam tudo. A prova é que aí vem ele ver-nos, e se lesse as cartas dele...* (OC, I, 1128/9, grifos nossos).

No trecho acima, vemos que são a benevolência e a proteção da mãe que falam e, com isso, atenuam os males deixados, ao casal Aguiar, a longa e silenciosa ausência de Tristão. Depois da narração em que dona Carmo ressalta as maravilhas do afilhado, Rita introduz as “negativas” (displicência e ingratidão) de Tristão, fazendo assim um papel que não é conveniente para o narrador Aires. Vejamos como se dá a estruturação da atenuação do papel materno de Carmo: primeiramente ela ressalta que a ausência do filho “postição” é uma ação normal de todos os rapazes (“É preciso desculpar a Tristão o que é próprio de rapaz”); num segundo momento a atenuação ganha contornos eufêmicos (“Ele não é mau rapaz; esqueceu-se um pouco de nós”, grifos nossos) para, enfim, resultar numa reconfortante soma do primeiro argumento a uma saudável e normal curiosidade juvenil (“mas a idade e a novidade dos espetáculos explicam tudo”).

Utilizando-se das perspectivas de Rita, Cesária e Carmo, conforme ressaltamos sucintamente acima, Aires equilibra sua narração, evidenciando quase que simultaneamente (ainda que de maneira dissimulada) aspectos negativos e positivos das personagens, a fim de compor um diário que se pauta pela mediação do experiente diplomata.

A descrição do conselheiro em *Esau e Jacó* é feita de forma a evidenciar seu papel nas relações sociais que estabelece, mostrando que acima da pessoa de Aires há o diplomata:

Imagina só que trazia o calo do ofício, o sorriso aprovador, a fala branda e cautelosa, o ar da ocasião, a expressão adequada, tudo tão bem distribuído que era um gosto ouvi-lo e vê-lo. (OC, I, 964).

Se no “romance dos gêmeos” já é possível vislumbrar com riqueza o recurso diplomático do velho conselheiro, é no *Memorial de Aires* que mais de perto veremos a encenação do que está dito acima. Não é somente por meio da linguagem que o conselheiro exercerá seus costumes diplomáticos, mas também através de uma ampla e cerimoniosa exposição gestual que vai de um simples olhar à mais pomposa demonstração de requinte.

Aires opinou com pausa, delicadeza, circunlóquios, limpando o monóculo ao lenço de seda, pingando as palavras graves e obscuras, fitando os olhos no ar, como quem busca uma lembrança, e achava a lembrança, e arredondava com ela o parecer. Um dos ouvintes aceitou-o logo, outro divergiu um pouco e acabou de acordo, assim terceiro, e quarto, e a sala toda. (OC, I, 965).

A prática diplomática contém um arsenal de gestos e linguagens, e principalmente uma forma de mediação por meio da persuasão, como fica evidente no trecho acima. Se as idéias aqui valem muito, mais vale o modo de mostrá-las e conjugá-las ao interlocutor, firmando, com isso, um ponto comum em relação aos mais diversos assuntos: é um modo de concordar com tudo e todos. A carreira de Aires, conforme percebemos, é centrada em um repertório “estudado” e “encenado”; sua diplomacia

sugere efetivamente uma ampla gama de posturas, gestos e expressões lingüísticas que, por mais variada que seja, volta sempre ao denominador comum: atenuação/mediação. Essa atitude atenuadora do ex-diplomata será responsável pela narração em *Memorial de Aires*, romance que se constrói a partir da afirmação dos papéis sociais mais relevantes de cada personagem, fazendo com que ela efetivamente se estruture em volta do discurso abrandado do narrador. O modo atenuador pelo qual vai se moldando o discurso de Aires faz com que o romance revele um subtexto, que dá ao último romance de Machado um aspecto ingênuo em uma primeira leitura, mas que abre um mundo de possibilidades quando lido atentamente e introduzido na arte dos narradores machadianos. Daí a importância da postura didática de Brás Cubas e dos aspectos sociais e profissionais na narração de Bento Santiago em *Dom Casmurro*.

Podemos observar no *Memorial* que Aires-narrador exerce o mesmo papel social de sua vida e cria, com isso, uma narrativa que atenua fatos e comportamentos. Assim, Aires se configura como um narrador-diplomata, aquele que concilia as opiniões, atenua os defeitos e ressalta o equilíbrio. Mas ao optar pela narrativa diplomática, ele acaba por ressaltar elementos que gostaria de atenuar e, portanto, desmascara suas personagens, como a si mesmo. O mascaramento, empreendido através da narrativa conciliadora, torna-se uma forma de desmascarar as atitudes dissimuladas das personagens e de si próprio.

Nesse sentido, temos no último romance de Machado uma continuidade da tradição do desmascaramento empreendido pelos narradores machadianos. Há no *Memorial de Aires*, porém, uma particularidade – o modo como se dá o desmascaramento, que ao contrário de Brás Cubas, se faz por meio da atenuação visível. Cria-se, assim, em *Memorial de Aires*, o que parece ser um paradoxo: a narrativa conciliadora que aparentemente o afasta da tradição do desmascaramento, é também o ponto que o aproxima dessa tradição, já que há o desnudamento das personagens como do próprio narrador, mas de maneira inesperada e sutil. Se Brás Cubas é o narrador machadiano que busca desmascarar, mascarando; Aires é o narrador que, assumindo prontamente seu papel social de diplomata, mascara desmascarando.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ASSIS, J.M.M. (1997). *Obra completa*. COUTINHO, Afrânio (org.). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. (3 volumes).
- BOSI, A. (1999). Uma figura machadiana. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática.
- COUTINHO, A. (1990). *Machado de Assis na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.
- GLEDSON, J. (1991). *Machado de Assis: impostura e realismo*. Trad. Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras.

- _____. (1986). *Machado de Assis: ficção e história*. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1998). A história do Brasil em *Papéis Avulsos* de Machado de Assis. In: CHALHOUN, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.). *A história contada: capítulos da história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MIGUEL-PEREIRA, L. (1955). *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MOISÉS, M. (1983). Machado de Assis. *História da Literatura Brasileira*. Realismo. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo.
- PACHECO, J. (s/d.). *O Realismo*. São Paulo: Cultrix.
- PAES, J.P. (1989). Um aprendiz de morto. *Gregos e baianos*. São Paulo: Brasiliense.
- PASSOS, G.P. (1996). *As sugestões do conselheiro: A França em Machado de Assis, Esaú e Jacó e Memorial de Aires*. São Paulo: Ática.
- PEREIRA, A. (1959). *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Rio de Janeiro: São José.
- SCHWARZ, R. (1977). *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades.
- _____. (1990). *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades.